

TERCEIRIZAÇÃO

Terceirização rima com precarização

A luta contra a precarização do trabalho, agravada pela terceirização, continua a ser pauta das atividades dos sindicatos que compõem a Intercel e Intersul. O tema foi debatido na primeira audiência pública da história do Tribunal Superior do Trabalho nos dias 4 e 5 de outubro. No dia 26 de outubro, os presidentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Artur Henrique, e da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Wagner Gomes, participaram da primeira rodada de negociação da Comissão Especial do Trabalho. O grupo foi criado na Câmara dos Deputados para debater e elaborar estudos sobre os projetos de terceirização que tramitam na Câmara. Além dos

dirigentes sindicais, participaram do encontro os deputados Sandro Mabel (PMDB-GO) e Roberto Santiago (PV-SP). A negociação foi aberta depois que CUT e CTB divulgaram carta conjunta contra o relatório feito pelo deputado Roberto Santiago, que, para as duas centrais, amplia a terceirização e precariza o trabalho no Brasil. A carta impediu a votação do relatório que estava marcado para o último dia 19. Para a CUT e para a CTB, pelo menos cinco premissas do projeto precisam ser revistas para que a Câmara não aprove uma reforma da legislação trabalhista que provocará sérios impactos no mercado de trabalho brasileiro, institucionalizando a precarização do trabalho:

- 1. O conceito de atividade-meio e atividade-fim- As centrais exigem que fique claro na proposta que a terceirização nas atividades-fim permanece proibida;**
- 2. Responsabilidade solidária da empresa contratante pelas obrigações trabalhistas – Segundo os sindicalistas, o problema não será resolvido apenas com a responsabilização solidária da empresa contratante apenas pelas obrigações trabalhistas, ou seja, relacionadas a contratação, fiscalização e/ou execução da empresa;**
- 3. Isonomia e igualdade de direitos entre todos trabalhadores e trabalhadoras – A proposta menciona a igualdade entre os trabalhadores, mas não deixa claro que os terceirizados terão as mesmas convenções coletivas, os mesmos salários etc;**
- 4. Direito à informação prévia e negociação coletiva por ramo preponderante – para CUT e CTB, o direito à informação não é acordo coletivo. O que precisa ficar claro no texto é que os sindicatos serão informados previamente quando uma empresa decidir terceirizar algum serviço;**
- 5. Proibição de terceirização das atividades que são tipicamente de responsabilidade do Setor Público.**

Depois de mais de três horas de negociação, ficou acertado que a CUT e a CTB farão propostas de alteração do relatório de Santiago. Essas propostas serão apresentadas em uma nova reunião, marcada para o dia 8 de novembro.

Estudo comprova mazelas da terceirização

Um estudo recente realizado pela CUT e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico (Dieese) rebate o argumento de que a terceirização gera empregos. A pesquisa comprova que 800 mil novas vagas de trabalho deixaram de ser criadas em 2010 por conta das terceirizações. Além disso, o salário dos terceirizados era 27.1% menor do que o dos contratados diretos. A rotatividade também é maior (5,8 anos em uma mesma empresa para os contratados diretos contra 2,6 anos para os terceirizados). Por fim, mais um dado alarmante: de cada 10 casos de acidentes de trabalho no Brasil, oito são registrados em empresas terceirizadas.

Em entrevista para o jornal O Globo, o Gerente de Segurança e Saúde da Fundação Coge, que reúne 81 empresas do setor elétrico, afirmou que **o baixo investimento e a terceirização da mão de obra explicam a má qualidade do serviço**. Em 2005, os terceirizados (89.283) ainda eram minoria ante os funcionários próprios (97.991). Em 2010, essa equação se inverteu: o setor tinha 104.857 empregados próprios e 127.584 terceirizados.



Intersul realiza seminário sobre representação dos empregados em Conselhos de Administração

Os sindicatos que compõem a Intersul promovem nos dias 10 e 11 de novembro, em Florianópolis, o seminário “O Papel do representante dos empregados no Conselho de Administração da Empresa”. Contando com a presença do Representante dos Empregados no Conselho de Administração, da Tractebel, Luiz Antônio Barbosa, do Representante dos Empregados no Conselho de Administração da Celesc, Jair Maurino Fonseca e dos ex-representantes no Conselho da Celesc, Arno Veiga Cugnier, Paulo Sá Brito e Luiz Cezare Vieira, o evento tem por

objetivo discutir a representação dos empregados nos conselhos de administração, que recentemente foi tornada obrigatória em empresas federais, conforme lei sancionada pelo então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva.

A participação dos companheiros que estão ou já estiveram na luta pelos trabalhadores dentro do Conselho é fundamental para compartilhar experiências e preparar os trabalhadores para o futuro, ampliando o conhecimento sobre os aspectos políticos da função.

Subsidiária ou Subserviente?

Na edição número 156 (03/11/11) do boletim eletrônico do Sinergia, a diretoria colegiada do sindicato questiona a pressão da holding Eletrobras em aplicar nova pesquisa de clima para todas as empresas do grupo. A razão do questionamento, entre outras questões, é pelo fato que somente agora, em outubro de 2011, os empregados/as tiveram acesso ao resultado da pesquisa de clima realizada em novembro de 2010. Ou seja, só após quase um ano é que os trabalhadores (as) do grupo puderam se apropriar das respostas formuladas.

Já não bastasse esse absurdo e total desrespeito aos empregados (as) e ao objetivo do instrumento em si, a direção da holding – contrariando a opinião de todos os envolvidos nesta questão, e, inclusive de diretorias, está impondo que a Eletrosul e demais subsidiárias aplique uma nova pesquisa de clima agora em novembro. A impressão que fica é, infelizmente, não há como pensar diferente, é que esse instrumento de gestão de pessoas está se transformando em mais um documento burocrático para se cumprir

mais uma meta também burocrática e, quem sabe, bem vista “aos olhos do mercado”.

Sem entrar no mérito de seu resultado, cujos dados podem ser questionados, o fato é que a partir de uma pesquisa que é levada a sério e com consequência prática (atenta a realidade) uma pesquisa de clima deve ser utilizada como suporte teórico à ações que visem resolver/atacar os pontos frágeis da organização, contribuindo para a melhoria do ambiente de trabalho, enfim do “clima” na empresa.

O respectivo boletim chamava à reflexão: “Espera-se que a diretoria da Eletrosul, à luz do que refletem coerentemente os(as) trabalhadores(as) envolvidos, não se submetam a decisão da diretoria da Eletrobras.” Pelo andar da carruagem, parece que irá se submeter! O que é, no mínimo, lamentável, porque mostra a falta de autoridade, poder e autonomia da direção da Eletrosul. Se isto acontece nesse nível de assunto, imagine-se em situações mais complexas.

Sempre é bom lembrar que na implantação da “nova” Eletrobras; diga-se de passagem,

sem nenhuma discussão com as entidades sindicais e os trabalhadores/as, dizia-se que seria respeitado a cultura de cada empresa. Quando a Eletrobras quis chamar/denominar os trabalhadores de colaboradores, o que, além de ser um equívoco jurídico, o é também do ponto de vista político, os sindicatos que compõem a Intersul protestaram (expondo suas razões) e a diretoria da Eletrosul bancou a denominação empregado ou trabalhador, conforme o caso.

Diretoria da Eletrosul, cuidado, muito cuidado. A empresa já foi alvo de atitude autoritária, arbitrária e violenta como foi o processo de privatização. É temerário que a alta direção da empresa aceite goela abaixo uma ordem descabida e não reaja com coragem e firmeza em situações como esta. Por razões diferentes de outra época, a diretoria da Eletrosul agora está se submetendo e sendo subserviente a uma determinação da Eletrobras que não se sustenta, caso seja levado em consideração um mínimo de coerência na gestão.

TRACTEBEL

Começa a negociação do ACT 2011/2012

Após a entrega da pauta e o esclarecimento das cláusulas no dia 19/10, aconteceu ontem, 09/11, a primeira rodada efetiva de negociação do Acordo Coletivo de Trabalho 2011/2012 da Tractebel.

Acompanhe na próxima edição do Linha Viva o relato da negociação e fique atento aos boletins da Intersul, no site: www.intersul.org.br

Eletrosul rejeita GT para discutir Política de Operação

Após a Eletrosul ter se comprometido a criar grupo de trabalho para analisar as questões humanas da implementação da nova Política de Operações, a Intersul sugeriu através de correspondência que o grupo fosse montado nos mesmos moldes do GTOI, que fez análises e sugestões da política de operações que existe hoje na empresa.

Entretanto, a Eletrosul negou qualquer fórum de debate sobre o modelo organizacional para operação das instalações, a composição das equipes de operação e o dimensionamento da carga de trabalho por operador das unidades de operação solicitado pela Intersul. Diante da postura intransigente da empresa a os sindicatos que compõem a Intersul irão consultar os Operadores até o dia 18 de novembro para definir o caminho a ser seguido, uma vez que um fórum de debate mais amplo era deliberação da categoria.

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de SC. Jornalista responsável: Paulo Guilherme Horn (SRTE/SC 3489). Conselho Editorial: Leandro Nunes da Silva. Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC. CEP 89206-000. Fone (047) 3028-2161. E-mail: sindsc@terra.com.br - Site: www.sindinorte.org. As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

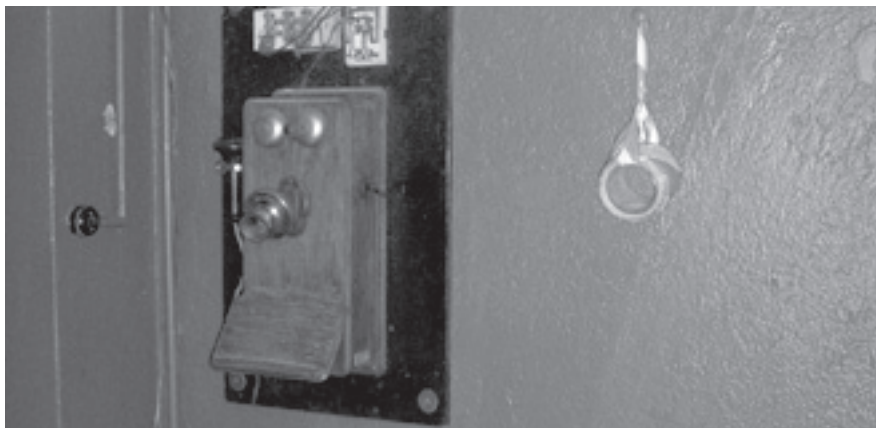
Diretoria da Celesc assina TAC com Ministério Público

Os sindicatos que compõem a Intercel estiveram reunidos com o Presidente da Celesc na última semana para esclarecer o teor do Termo de Ajuste de Conduta – TAC assinado pelo Presidente da empresa e pelo Diretor de Gestão com o Ministério Público sobre os reenquadramentos existentes na Celesc depois da constituição de

1988. Gavazzoni afirmou que a assinatura do termo teve a finalidade de reforçar o compromisso com o MP de não realizar e/ou manter novos reenquadramentos após o PC'S de 1996, alvo de ação judicial contra a empresa. O Presidente reforçou que as movimentações realizadas até março de 1996 não estão contempladas nesse

TAC, cabendo a justiça a decisão sobre essas alterações. O Diretor de Gestão, André Bazzo, reforçou o posicionamento da empresa: “esse mesmo TAC já tinha sido assinado por um diretor da empresa. O que fizemos foi reforçar a intenção de consolidar aquilo que passou e não repetir a prática daqui para frente”.

Usina da Celesc abandonada



Telefone e rádio da Usina Bracinho não funcionam

Os 12 trabalhadores da Usina Bracinho, no município de Schroeder, estão completamente abandonados pela Celesc. Desde março deste ano a Usina encontra-se sem comunicação por rádio e telefone e os barrageiros estão improvisando com celular próprio a comunicação do nível das barragens. Por conta de deslizamentos de terra, as estradas estão bloqueadas e os trabalhadores só tem acesso à Usina caminhando.

Além das condições de trabalho adversas, a segurança dos trabalhadores está ameaçada. Há muito tempo um técnico de segurança não vai à usina, deixando os trabalhadores à mercê da sorte. Infelizmente, a própria estrutura da Segurança é responsável pelo abandono dos trabalhadores. Desde a desverticalização, em 2006, os trabalhadores das usinas da Celesc estão cedidos à Geração não tendo cobertura de Técnico de Segurança da Distribuição. A reivindicação da Intercel de transformar a Divisão de Saúde e Segurança do Trabalho em uma Superintendência ligada diretamente à presidência da Holding, rejeitada pela empresa, resolveria a situação.

Enquanto a Celesc não se conscientiza da importância deste ajuste, mais uma vez os trabalhadores sofrem as consequências.

Manifestação por saúde e educação públicas

Recentemente cerca de 150 pessoas de várias entidades sindicais, sociais e associações de moradores, fizeram uma percorrida pelas ruas do estreito, na capital do estado, em defesa do Hospital Florianópolis, dos colégios Otilia Cruz, Aderbal Ramos da Silva, Celso Ramos e de todas as instituições de saúde e educação como públicas, sem a presença de uma OS para administra-las.

A manifestação demonstrou para a sociedade vários malefícios desse tipo de administração, já que a gestão dessas instituições fica nas mãos de terceiros, tirando assim a responsabilidade do governo. Se com todos os impostos que são pagos o governo não da conta de administrar, argumentando falta de verba, como e onde ele arranja mais dinheiro para pagar estas Organizações para fazer gestão por ele? Isso sem falar na falta de transparência nas contratações de mãos de obra, serviços e compra de materiais e equipamentos, já que não há obrigatoriedade de promover concurso público e licitação.

A indignação da sociedade vai ganhando força a cada dia. Por isso fique atento pois haverá outras manifestações.



RENOVAR JÁ, O BRASIL NÃO PODE PARAR

A Federação Nacional dos Urbanitários promove dia 18 de novembro, em Paulo Afonso-BA, o lançamento da campanha **Todos pela Energia - Privatização não é solução**. O evento marca o início de uma grande mobilização envolvendo sindicatos e entidades do movimento social em defesa da renovação das concessões de energia elétrica, fundamental para que o Brasil continue crescendo com segurança energética, garantindo assim a

sustentabilidade, preservação de empregos e a soberania nacional.

Durante o evento será lançado o manifesto “Renovar já, o Brasil não pode parar”, mostrando à sociedade a importância da renovação das concessões e a verdade por trás da campanha apoiada pela Fiesp, que visa a privatização do setor elétrico nacional e pode levar um setor altamente regulado ao caos, desestabilizando o crescimento do Brasil.



DOIS DO MESMO

por Paulo Guilherme Horn

Sorver do líquido extraído do mais fino e puro grão de café, ou desfrutar da mais bela sensação de embriaguez proveniente de um copo de cerveja, taça de champanhe ou cálice de vinho? Aguçar os sentidos com goles de cafeína ou abraçar os devaneios com doses de álcool? Permanecer constante na percepção da realidade ou deixar-se levar pelos mundos fantasiosos, transportar-se para as criações da mente. Escrever toma um caminho dualista dentro de tantas possibilidades de tratamento do texto, de construção literária. Real ou fantástico? Café ou cachaça?

Pelas teclas do computador as palavras vão se formando em estruturas literárias, cada toque dos dedos ao teclado alimenta o texto, e até as realidades surgem da cabeça do autor. Então seriam realidade e fantasia covalentes? Seriam elas irmãs brigando pela atenção do próprio escritor, pai textual delas? Tomemos um gole de café. O crítico George Steiner afirma que as narrativas que tomam o real por pressuposto básico tem mais relevância do que o trabalho de escrita ficcional, que a imaginação não é mais capaz de acompanhar a explosão de realidade de hoje. Viremos, então, uma dose de cachaça. O escritor Salman Rushdie defende a imortalidade do romance, e o define como uma forma híbrida de realidade social, criação ficcional e entrega do autor ao texto.

Entramos em um Pub. Estamos aqui, sentados nas banquetas ao lado de distintos senhores de barba ruiva, apoiados no longo balcão de onde vislumbramos as centenas de garrafas enfileiradas no armário, o barril prostrado na parte de baixo e a garçonete parada em nossa frente, esperando pelo pedido.

- Um café, por favor.
- Pra mim uma cerveja.
- Me vê um café irlandês, sim.

Eles me olham. A garçonete serve o café, põe a cerveja no balcão e procede ao meu pedido. Pega uma garrafa de Grants's e eu lhe peço: não, não, Jack Daniell's, por favor. O líquido de cor marrom-dourado preenche metade do copo que então é completado pela escuridão vaporosa do café recém passado. Bebo um longo gole.

- Senhores, senhores. A morte do romance? A vida do real? O entorpecimento das inteligências, a explosão demográfica, a amplitude da visão, o fechar de olhos do sonho, o conforto da reclamação? E o porquê escrever? A descontinuidade do tempo para contar ou contar para continuar o tempo real? Entendem o que digo? Como ser poeta se a sociedade me fez ser visceral? Como ser visceral se a natureza me fez contista? Como ser contista se almejo ser poeta? Como me restringir a uma forma se no fundo sou escritor? Escrevo porque é real, ou porque quero tornar realidades fantásticas?

Peço a garçonete que deixe Jack comigo e reencha meu copo. Cessaram os cafés no balcão e as cervejas pararam de chegar.

- Escrever é um amálgama de necessidades e vaidades. Escrevo porque tenho algo a contar ou quero contar algo que nunca tive. Posso fazer tantas coisas. Contar apenas aqueles fatos que vivi, que me disseram, que observei; posso romantizar essas experiências, poetizar os locais por onde estive, dissecar as pessoas com quem convivi e me fazer pensamento em texto. Mas a romantização do real parece apenas uma pequena parcela diante do vasto céu de improbabilidades que é a criação das fantasias. Moldar as ironias, delimitar as mentiras com uma tênue linha entre o absurdo e o crível, convencer pelo fantástico. Localizar a poesia, enraizar mitos onde nunca houve mitologia. Vamos, caminhemos.

Deixamos as banquetas e a penumbra do Pub alcançando a claridade que ainda se erguia no dia. Calçadas, carros, árvores e pássaros.

- Vejam este cachorro. Eu nunca vi ele, não sei quem é seu dono ou se ele tem um dono. Mas vejam as possibilidades de escrita que um simples cachorro pode dar. É apenas um cachorro e eu poderia criar-lhe a convivência completa com uma pessoa, as nuances de sua personalidade moldadas pela forma como o dono o trataria e como eu, onipresente em sua criação, trataria o texto e as formas literárias a construir, a temporalidade na vida do cachorro, tudo isso numa única mentira bem contada, numa plural continuação de algo que nunca soube, mas que no íntimo das palavras, sempre tive certeza de ser. Ao mesmo tempo poderia contar que os cachorros soltos pelos donos durante o verão são vítimas de uma sociedade que prega o desapego a tudo aquilo que lhe traz responsabilidades, ou então poderia propor isso como um problema burguês e que esse cão é o retrato da futilidade e desumanidade para qual caminhamos. O cão poderia ser o personagem de uma história real romantizada. E todos esses caminhos se abrem mesmo sem eu gostar de cães; tenho gatos que são bichos mais literários em seus instintos. Ali, vamos àquela praça.

Sentamos em três bancos diferentes, um ao lado do outro. O sol já se encaminhava para as nuvens e o vento revolia as folhas no chão e as crianças deixavam os balanços ainda com a sombra de suas brincadeiras, como se a ingênua felicidade permanecesse empurrando a vontade de continuar eternamente brincando.

- O balanço seria uma cena óbvia para um romance. O abando da praça ao recolher do sol daria um belo relato. Mas escrever pode surgir de algo menos visível, de coisas indeléveis. Já escreveram romances sobre um dia, sobre uma morte, sobre um sentido. Relatar uma vida, uma noite, um olhar. Tudo pode ser escrito, são tantas as possibilidades. Mas porque escrever? Porque tenho algo a contar ou quero contar algo que nunca tive. Escrever é um amálgama de necessidades e vaidades, com as quais me permito rasurar onde quer que fique documentado. Ser eterno? Pode ser a vaidade. Desabafar? Pode ser a necessidade. Criar? Sempre a possibilidade.

Fiquei só na praça, rabiscando sonhos deletérios com um graveto no chão enquanto passava o efeito da mistura. Mesmo a grama é um caderno pra quem precisa escrever.

